cartaz anilinas reclame espectaculo á noite ás nove horas em ponto no adro da egreja e cadeiras de suas casas a rufar no tambor sempre a rufar numa cadencia funérea de enterro socialista com associaçôes de classe e filarmonica a passo com lenços brancos nas golas entre o pescoço e instrumentos desafinados mesmo sem tocar sempre a rufar co'a mãe alli ao lado e os cães todos enfiados em saias e bonets de clown na mesma corda co'os bordões a tremerem o latão do tambor a zunir em cima do sexo d'ella com mêdo do pae no cornetim da abertura d'elle com um lenço vermelho ao pescoço e a mãe a acompanhar a pratos e no bombo com mêdo de faltar a acetilene e a estimular barulho tambor á filha com pancadas de maçanêta no hombro d'ella toda deitada pra traz a equilibrar o pezo da caixa sempre a rufar com o bombo impertinente e fundo e ôco a par co'os pratos com intervallos iguaes curtos alarmantes de acetilene a afunilar as latas amolgadas dos postes com bandeiras vermelhas só vermelhas do maillot d'êlla a seccar ao sol na praia ao lado da roulote com o pae nas tabernas na propaganda no reclame na necessidade de falar e aproveitar a estada e os admiradores e os que pagam alcool mãe e ella plas portas e plos quintaes a mostrar a voz do relento com fome e acompanhamentos de urros de pandeiro e dez reis fôfos na pandeirêta ao contrario do ordinario atropelado brutal ingenuo com pratos e bombo e graças de cornetim pum-pum-pum num chinfrim de accordar a escuridão á roda do circo sem cigarras nos montes calados na voz de record disforme sem nuca tatuagens azuis e carmim escondidas p'los cabellos abaixo pum-pum-pum e tra-la-la de cornetim com requébros e variações cortadas de vento da praia na acetilene e com rumor da espuma esverdeada ao luar da acetilene das ondas com espuma transparente de rendas de corda sêda ondas roucas das rochas com mar por baixo e ella a apanhar percêbos co'as cabras a berrar no alcantil onde ha camarinhas e malmequeres e uma cruz de pedra com inscripção e caçadores com furões aos tiros para cá e o peneireiro ao pé do sol parado no ar parado quieto pum-pum-pum rochas que cortam os pés descalços antes não ter vindo e escorregadellas nos limos verdes cafanguêjos canhotos a mecher e rochas corcundas como os polvos gaivotas côr de sal sobre o mar azul no fundo e um cadaver sem uma perna e pôdre que deu á praia com caixas de cebo laranjas limões restos de caixões de mastros atravessados nas rochas com restos de cordas e ir depois tarde pra casa com frio nos joelhos e o nariz gelado e rôxo e o avental cheio de conchas e leques e cascalho meudo e ver uma lebre saltar p'las moitas aos arcos amarellos por cima dos verdes ao contrario e já ter que dizer novidades ao jantar de sardinhas e pão quente com môlho de azeite crú e vá lá café por ser domingo de circo sem se saber quem atirou co'a pedra á lata de acetilene toda amolgada prá frente sem fôlego do pae lá sempre em solo de cornetim pra reanimar a luz ficou triste de fim da tarde em que ella se demorou no bosque e onde o chegar a noite lhe pareceu em zumbir um homem grande como o pae e tambem cabelludo e escrito no peito e nas costas e estar-se a despir por detraz do castanheiro á espera que ella passásse p'lo castanheiro e foi de roda p'las azenhas sem castanheiros mas com salteadores de espingarda á espera que ella passásse com a garganta inchada de mêdo por dentro e vontade de ir a correr pra casa e nunca mais saír de ao pé da mãe livida com dois garôtos da primeira fila aos encontrões e em pé em cima do tapête verde á rasteira á bofetada e o pae solo de cornetim a pegar nos dois p'los suspensorios ao mesmo tempo e pra fóra do circo malandros e reprovações energicas do publico a parar por sectores quando elle fitava aqui e alli pedras a cair no tapête em arcos de escuridão cada vez mais claros e mais claros de acetilene sobre o tapête verde pedras brancas de cornetim a subir tra-la-la e pedradas nas latas de acetilene de gente a ir-se embora prá escuridão e o bombo sempre alli com estrondo e pratos arrelia força nesse tambor malandros pedradas e mais pedradas bancadas vazias só dois bicos de acetilene accêsos no cornetim epiletico a gritar nas faces vermelhas do pae a ajudar a mulher a acabar de vez com o bombo e mexe-te mulher do diabo força toda a força rompe-me esse bombo pedrada e mais pedrada e uma na cabeça do pae sempre em solo de cornetim crescendo malandros cabrões a minha vida a minha arte pontapé em zóra com força força toda a força co'a minha força bêstas tenho fome dó dó dó-ré-mi tra-la-la pum-pum-pum filhos da puta cata-pum-pum-pum pratos prate-os força mata tra-la-la tra-li lata acetilene catapum tapête rufa-me essa caixa sol-lá-sol filhos dum corno um murro na mulher e pedradas mais si-ré-sol e só um bico de acetilene a minha vida catapum tenho fome sacanas tenho fome trrrrrrrrrrrr-pum-tchim-tchim-tchim-tchim-tchim-tra-la-sol-re-mi-la-la-la-la raios os partam os pratos puta que a pariu trrrrrrrrrrrrrrrrrr-pum nem gorgêta nem cinco reis filhos da por causa da zóra toca-me essa caixa puta estupor trrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr-pum-catapum-catapum pedrada catapum-pum-pum e ultimo bico de acetilene lá-ré-sol ás escuras sol-sol-sol filhos da puta catapum-pum-pum trrrrrrrrrrrrrr-la-la-la-lalalala-pum

José de ALMADA-NEGREIROS